

As crianças Kaingang: educação escolar e os processos próprios de aprendizagem

Bruno Ferreira¹

Professor no Instituto Estadual de Educação Indígena Ângelo Manhká Miguel

brunokaingang@yahoo.com.br

Resumo

O presente texto é uma reflexão a respeito dos processos de construção de conhecimento das crianças nas formas coletivas do saber compartilhado do povo Kaingang. O estudo foi realizado especialmente em comunidades onde as pessoas são falantes da língua materna kaingang. Para sua realização, foi fundamental o diálogo com os Kofá (velhos/as) a respeito das formas de construir conhecimentos e sua transmissão para as crianças, o que é de grande importância. Nessas comunidades, as crianças e os adultos ocupam os mesmos espaços para aprender, o que resulta em crianças mais autônomas, pois o seu aprender está baseado no ouvir, observar e experimentar. Além dos espaços tradicionais e formas próprias do dia-a-dia na comunidade, a escola aparece como mais um lugar que, gradativamente, está sendo ressignificado pelas crianças, professores indígenas e de forma mais geral pelos Kaingang, como espaço de diálogo entre os conhecimentos indígenas e não indígenas. As reflexões que trago nesse trabalho fazem parte da dissertação de mestrado apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o título “Educação Kaingang: Processos Próprios de Aprendizagem e Educação Escolar”.

Palavras chave: crianças kaingang; educação escolar indígena; educação indígena; crianças indígenas

1 Bruno Ferreira, Kaingang, professor de História, História da Educação e Direito indígena no Instituto Estadual de Educação Indígena Ângelo Manhká Miguel-Terra Indígena Inhacorá, São Valério do Sul. Mestre e doutorando em Educação na Faculdade de Educação- Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.

Abstract

This paper aims to reflect upon the processes of knowledge building of indigenous children in the collective forms of the Kaingang shared knowledge. The study was carried out especially in communities where the Kaingang people speak their indigenous language. In order to conduct the research, it was vital to dialogue with the *Kofá* (the elders), about the ways of building and transmitting knowledge to the children, which is very important. In these communities, children and adults occupy the same learning spaces, which results in more autonomous children, because their way of learning is based on listening, observing and experimenting. Besides the community's traditional spaces and the indigenous ways of everyday life, the school appears as another place that is gradually being resignified by the children, the indigenous teachers and by the Kaingang people in general as a space of dialogue between the indigenous and non-indigenous knowledges. The considerations discussed in this paper are part of a Master's thesis conducted at Faculdade de Educação (College of Education) at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brazil), entitled "Kaingang Education: indigenous learning processes and school".

Keywords: kaingang children; indigenous school; indigenous education; Indigenous children

O povo Kaingang

O lugar de onde falo é a Terra Indígena Guarita, do povo kaingang, localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, entre os municípios de Redentora, Tenente Portela e Erval Seco. Guarita possui uma população em torno de 10 mil pessoas e nela existem atualmente 12 escolas indígenas, dessas, uma é de ensino médio e as demais com alunos do 1º ao 9º ano. Nessas escolas trabalham professores indígenas e não-indígenas, a maioria dos professores indígenas atuam nos anos iniciais. No início dos anos 1970 iniciei minha caminhada de estudante em uma escola desta terra, uma época em que tive que aprender a falar o português, pois era proibido de falar na língua kaingang. Após ser alfabetizado em português, segui meus estudos nas escolas não-indígenas até chegar hoje na pós-graduação. É importante dizer marcam meus estudos essa escola integracionista, suas proibições de falar nossa língua materna, os castigos, a negação de nossa cultura e, as imposições de valores não-indígenas. É com esse sentimento que venho lutando para fortalecer a existência do povo kaingang com sua língua, crenças, costume, tradição, sua cultura, seus processos próprios de (re)passar seus conhecimentos às crianças, com suas metodologias.

Os Kaingang estão entre os povos indígenas mais numerosos do Brasil. Falam a

língua pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, que é reconhecida somente no território brasileiro e que tem falantes desde o sul do Pará e Maranhão até o Rio Grande do Sul. De acordo com critérios geográficos, socioculturais e linguísticos, os Xokleng e os Kaingang pertencem ao grupo Jê Meridional. Em termos demográficos, os Kaingang se constituem na primeira etnia do tronco Macro-Jê e a segunda etnia do território brasileiro (Rosa, 2005: 29).

A organização sociocultural kaingang é conhecida pelos princípios cosmológicos dualistas, de acordo com o mito de origem, representado pelos antepassados *Kamẽ* e *Kajru*, mas que não impõem uma separação espacial entre as diferentes dualidades. Cada metade clânica possui uma marca/sinal, que usa em seus rituais: a dos *Kamẽ* é *téj* (comprido), a dos *Kajru* é *ror* (curto). As pessoas da mesma marca são consideradas irmãs e irmãos.

Há uma relação de reciprocidade entre as duas metades, prática muito marcante ainda nos dias atuais. Além de outras práticas tradicionais, como os casamentos que acontecem entre as metades opostas, os enterros dos mortos da outra metade (oposta), e nos casos de viuvez em que há ajuda mútua. As crianças herdaram do pai a metade. Todos os filhos e filhas de um *Kamẽ* serão também *Kamẽ*.

É pertinente e importante essa reafirmação de separação entre as metades Kaingang. Dizem os *kofá* que os *Kamẽ* são considerados possuidores de espírito mais forte e, assim, sempre tomam a frente nas cerimônias relacionadas aos mortos, pois tem facilidade para intervir junto aos espíritos, caso esses queiram levar pessoas daqui da terra para a morada dos antepassados Kaingang, isso muito em especial no ritual do *Kiki*².

Por outro lado, os *Kairu* lideram nas questões políticas e nas guerras. As distinções da marca *téj* e *ror* são importantes em muitos aspectos da vida e da concepção de mundo. Os Kaingang pintam-se principalmente para o ritual do *Kiki* e cada metade tem sua pintura exclusiva. Os *Kamẽ* têm listras e os *Kairu*, bolinhas.

Segundo os *Kofá* (velhos) Kaingang, tradicionalmente, a pintura é feita com carvões, sendo que a dos *Kamẽ* é feita com lascas de pinheiro queimadas e depois moídas e umedecidas. Já as pinturas do grupo *Kairu* são feitas com uma madeira conhecida como Sete Sangria. A coloração fica, portanto, assim definida: *Kamẽ*, preto e *Kairu*, vermelho. Saber as diferentes partes complementares é essencial para se compreender o ritual do

2 *Kiki* é uma bebida típica kaingang, produzida com mel nativo. O ritual do *kiki* é uma festa oferecida aos mortos recentes. É um momento muito importante, pois é nesse ritual que acontece o encontro das pessoas que não existem mais entre os vivos; elas voltam para rever seus parentes que permanecem aqui na terra. Dizem os Kaingang que, após a festa, os mortos retornam para suas moradas de baixo da terra, onde ficaram aguardando a vinda dos seus parentes. Acredita-se que a festa do *Kiki* seja o ritual mais importante do povo Kaingang.

Kiki, onde cada metade fica separada. Então, é importante que cada kaingang tenha um nome de acordo com sua marca, pois é isso que vai indicar a qual metade cada um pertence.

Outro momento de muita profundidade na cultura kaingang é quando alguém fica viúvo ou viúva, pois se acredita que quando o companheiro ou a companheira morre, uma parte daquele que morreu fica com pessoa que permanece viva. Então, essa pessoa precisa passar por uma purificação, pois antes deste ritual de purificação o viúvo ou a viúva constituem uma ameaça para a comunidade, causando um mal estar nas pessoas, podendo levar até à morte.

Os Kaingang são identificados economicamente como um povo coletor, caçador e cultivador; possuem uma economia de reciprocidade, compreendida nos moldes tradicionais. Para vivenciá-la é necessária uma área de terra abrangente, que ofereça as devidas condições para a manutenção da identidade étnica tradicional.

A cultura Kaingang desenvolveu-se nas sombras dos pinheirais, que ocupavam a região sudeste e sul do atual território brasileiro. Há pelo menos dois séculos, sua extensão territorial compreendia a zona entre o Rio Tietê (SP) e o Rio Ijuí, no norte do Rio Grande do Sul. Porém, no século XIX seus domínios se estendiam, para oeste, até San Pedro, na província de Misiones, Argentina.

Com passar dos tempos os Kaingang foram sofrendo mudanças no seu modo de viver, assim como outros seres humanos que vão perdendo a consciência daquilo que os definem e os mantém unidos. Diante disso, buscam no passado a reconstrução de valores que vão dar sentido novamente à sua existência. Assim, recorrem a suas memórias ancestrais para significar seus processos de construção de conhecimento diante das mudanças ocorridas.

O aprender das crianças

Os Kaingang, ao longo dos tempos, assim como outros povos indígenas, foram criando formas de educação baseadas na sua tradição, articulando e dando significado às suas percepções culturais junto às crianças de suas comunidades. Com base nisso, os ensinamentos dos Kaingang para as crianças foram sempre para garantir sua autonomia, ser sujeitos de suas ações, tomar decisões, mesmo sendo relativo às suas idades ou etapas de suas vidas. Para isso, a liberdade de ação da criança é muito importante, onde a palavra “não” está excluída de seus ensinamentos. Isso também é trazido na fala de Nunes:

Nas sociedades indígenas brasileiras [...] a fase que corresponde à

infância é marcada pelo que consideramos ser uma enorme liberdade na vivência do tempo e do espaço, e das relações societárias que por meio destes se estabelecem, antecedendo ao período de transição para a idade adulta que, então, inaugura limites e constrangimentos muito perigosos (Nunes, 2002: 65).

As crianças sempre estão envolvidas nas atividades do cotidiano, percebe-se que não existe claramente uma separação de serviços entre adultos e crianças: todos são capazes de realizar o mesmo trabalho³. Assim como os adultos, as crianças também vão criando, através da brincadeira, seus pontos de referências que são muito importantes na cultura, como as formas de conceber e vivenciar o espaço e o tempo. Dessa forma, as crianças, ao incorporarem seu cotidiano, construindo e transmitindo saberes, vão tomando consciência de sua importância e não são apenas crianças, mas sim parte efetiva de uma construção dentro de sua cultura.

Acompanhando a vida na comunidade, pode-se constatar que as crianças Kaingang têm liberdade⁴, inseridas nos processos educacionais das famílias. Isso ocorre em tarefas rotineiras, como a busca de materiais na mata para a produção de seus utensílios e artesanatos. Durante o caminho as crianças brincam, conversam entre si e com as pessoas mais velhas que as acompanham. Nessas conversas, aprendem sobre as plantas e suas funções dentro da tradição Kaingang. A prática das mães é ensinar as crianças sobre as plantas, além de outros acontecimentos, durante a caminhada no mato. As atividades que acontecem após as colheitas do material, como a confecção dos artesanatos ou dos seus utensílios, fazem parte do que chamo de Pedagogia Kaingang.

Na Pedagogia Kaingang, uma atividade, ou mesmo as brincadeiras das crianças, não são somente brincadeiras, e sim uma verdade, pois as crianças utilizaram instrumentos de verdade. Assim, produzem de verdade, tem um significado real. Isso nos faz refletir que os Kaingang consideram a criança com capacidade de fazer e a respeitam como ela é, e aceitam como partícipe efetiva em todos os processos de construção de conhecimentos em seu cotidiano. A um olhar mais simples podemos dizer que é uma imitação.

A imitação tem fundamentos importantes na construção do conhecimento, no aprendizado das crianças indígenas, pois as crianças observam e fazem. A palavra

3 O trabalho, na concepção indígena, é um conjunto de atividades que todos podem realizar. Não existe a separação entre trabalho e lazer, ou melhor, todo trabalho é uma forma de brincadeira, diferente da sociedade ocidental, onde o trabalho é uma forma de acúmulo ou ainda o trabalho é uma tortura e não uma forma de prazer.

4 Não confundir liberdade com autonomia para não pensar que as crianças fazem o que bem entendem, nos momentos em que querem. Sendo assim, as crianças desenvolvem capacidade de tomar as decisões que consideram melhor a seu respeito e ao outro.

imitação parece simples e talvez, num grupo não indígena, não seja compreendida na sua profundidade. A imitação é uma das formas de aprendizagem que leva o desenvolvimento de tradições, costumes, enfim, da cultura como um todo, transferindo informações entre pessoas através das gerações. O imitar envolve ouvir, observar, fazer junto e de seu modo, criar um jeito próprio de fazer. Assim, a construção do conhecimento da criança indígena kaingang faz parte de sua cosmologia, do seu jeito de estar nesse mundo, a criança é parte legítima do cotidiano de sua comunidade onde vive junto com as demais pessoas desse ambiente e contexto. O aprendizado é o resultado da elaboração conjunta de vivências e práticas entre pessoas de várias idades e o ambiente onde está inserida.

Procurarei exemplificar melhor descrevendo uma atividade de uma mãe Kaingang, na colheita de material para seu artesanato, que, ao chegar ao lugar onde tem taquaras - pode ser taquara mansa ou taquaruçu⁵ - e cipós, começa a colher as taquaras. Cada um dos filhos e filhas (crianças) tem uma função a desempenhar: os mais velhos, ou ainda posso dizer os maiores, tomam a iniciativa de ajudá-la a colher o material. Os filhos mais novos ou menores fazem outra parte do serviço: organizar os montes de taquara e cipó que serão carregados pelos maiores ou mais velhos. Essa tarefa está distribuída em diversos locais, pois o material não está exposto num único lugar no mato. Por isso a necessidade de fazer certa divisão entre as crianças para realizarem os trabalhos na coleta dos materiais. Divisão essa acontece de forma espontânea pelas crianças.

Esse ritual está de acordo com o saber tradicional, onde as crianças já tem acumulado conhecimentos através de suas vivências com os adultos, o que permite a separação de tarefas de forma espontânea. Na atividade desenvolvida pela mãe Kaingang, não foi necessário mandar (dar ordem) aos seus filhos e filhas a respeito das tarefas, pois a atitude das crianças já é conhecida pela vivência de seu cotidiano, dessa forma são atitudes internalizadas pelos filhos e filhas através da observação e práticas em suas rotinas junto a sua comunidade. Ao retornarem para casa, todos ajudam a mãe a levar as taquaras, cipós e outros materiais coletados, além de ajudarem a carregar os irmãos pequenos, que também ajudaram na atividade da colheita do material.

É importante dizer que nesta atividade as crianças também usaram ferramentas como facões, foices, e também ajudaram na preparação da sua refeição no mato. Então, a mãe, deixou as crianças experimentarem e terem a possibilidade da execução de

5 Para os Kaingang a taquara é especial, pois é uma planta que possui as duas metades clônicas, *tej* e *ror*, mas também é um importante marcador de tempo. Pois, a que é chamada taquara mansa tem um ciclo de vida de 20 a 25 anos e o taquaruçu de 30 a 35 anos contando de seu florescimento até a seca dessas plantas. Baseado nisso, os Kaingang marcam seus tempos, como a idade das pessoas. Mas também a taquara faz parte de muitas atividades na vida dos Kaingang, entre elas fazem o paris, uma forma de armadilha para pegar peixes, o artesanato da cestaria e instrumentos musicais.

tarefas que pareciam ser de adulto e desse modo exercerem suas habilidades a partir da observação dos comportamentos das pessoas mais velhas. Portanto, desde cedo as crianças já participam da vida familiar e de toda a comunidade possibilitando que as crianças possam conceber uma disposição de tempo para o acompanhamento da vida dos adultos. Assim as crianças desempenham tarefas do seu cotidiano.

Outro momento importante é quando os homens vão para a mata junto de seus filhos⁶ para fazer uma pescaria com cipó, como nos relata um pai Kaingang:

Quando vamos pescar, bater cipó, convidamos as crianças, além dos velhos que conhecem como fazer esse tipo de pescaria. A gente caminha longe pelo mato uns cinco quilômetros até chegar no lugar onde vamos fazer nosso acampamento. Depois vamos cortar o cipó, carregamos até a beira do rio, aí, começamos a bater o cipó e jogar na água, logo os peixes começam a morrer. Mas ensinamos as crianças que devemos juntar os peixes só no dia seguinte. Então, ficamos contando história para eles e ensinando viver conforme nossas tradições, ensinamos como ouvir e entender o silêncio da noite.

Esse é momento muito importante para todos, pois se aprende como conviver com a mata, seus ensinamentos, mas, além disso, aprende-se que, para fazer esse tipo de pescaria, precisam ter muito conhecimento das tradições Kaingang, pois se não fizer de forma correta a pescaria, dentro desses preceitos pode dar tudo errado e os peixes não morrem. Isso se explica quando a pessoa responsável pelo ritual pede para que se faça a coleta dos peixes somente no dia seguinte.

Como diz *Kofá* (velho Kaingang), pode dar tudo errado a pescaria de cipó se, entre as pessoas que fazem parte do grupo, algum homem tiver a mulher grávida. E então, se esse homem entrar na água, o cipó não faz efeito e os peixes não morreriam. E ainda o *Kofá* falou em tom de brincadeira - “muitos homens descobrem que sua mulher está grávida nesse ritual de pesca”.

Diante disso, podemos entender que os Kaingang têm muitos rituais que aparentemente estão no esquecimento, mas quando conversamos com pessoas mais velhas, fica evidente que tais conhecimentos ainda estão sendo passados às crianças ou aos jovens nos espaços e tempos dos Kaingang. Quando perguntei ao *Kofá* se esse tipo de ensinamento podia ser transmitido na escola, a resposta foi que os ensinamentos

6 Aqui, quando se refere a filhos, temos que entender que numa comunidade indígena ou para os Kaingang, filhos não são somente os de sangue, pois todos são parentes devido as marcas (*tej* e *ror*). Sendo assim, não existe crianças abandonadas ou sem família.

Kaingang são repassados em momentos oportunos, e que a noite é especial. As noites são os momentos de se fazer as narrativas para as crianças, preferencialmente em volta de um fogo. Dizem os velhos que é no silêncio da noite que as crianças aprendem tudo o que é contado e fica guardado na memória e a noite é o tempo certo para aprender.

Diante disso, podemos pensar ou sentir o quanto é importante o convívio das crianças na sociedade Kaingang, convívio esse que se dá em diversos espaços que estão disponíveis por toda a comunidade ou em seu território. E um dos primeiros lugares de aprender é na casa, junto com a mãe e os avós. É onde se aprende a falar a língua kaingang e, a partir daí, em sequência, as histórias/narrativas e os demais ensinamentos, como relata uma *kofá*:

Eu aprendi com minha mãe e meu avô, durante a noite antes de dormir contava história de animais do mato, histórias dos índios. Nós deitávamos em volta do fogo para ouvir. Hoje são poucos os que fazem isso, não temos mais fogo no chão, nossas casas são feitas de tijolo e assoalho, temos fogão a gás, dormimos em cima de uma cama. De noite ficamos assistindo televisão. Então tá tudo diferente, quando as crianças acordam vão para a escola.

Esse relato traz muito das dificuldades de ensinar as crianças conforme a tradição Kaingang ou no mínimo as mudanças ocorridas nas comunidades propiciaram muitas perdas; isso revela que muitas vezes os programas impostos aos indígenas têm consequências que parecem irreversíveis. Entre as reclamações relatadas pela *kofá* acima, evidencio o programa “Minha Casa Minha Vida”⁷ do governo federal, que tem mudado as formas de relacionamento entre as pessoas das famílias, pois foi oferecido um jeito não-indígena de morar.

Mesmo assim, percebe-se que, por mais que tal programa traga consequências para as tradições Kaingang, os ensinamentos têm acontecido, não da mesma forma como no passado, mas com esses espaços ressignificados. Podemos, como exemplo, citar a manutenção de muitas casas com o fogo de chão ao lado da casa de alvenaria. Outras moradias mantêm o fogo na parte de fora da casa, debaixo de árvores. Aí são os locais preferenciais muitas vezes de receberem as visitas para tomar o chimarrão e fazer comidas típicas da culinária Kaingang como bolo assado na cinza, mostrado nas imagens que seguem.

7 O Minha Casa Minha Vida é um programa de Governo Federal, que tem por um de seus objetivos construir casa própria para as famílias brasileiras. No entanto, esse programa tem atingido as comunidades indígenas sem sua devida discussão.



Fazendo o bolo assado na cinza - Foto: Tamara Signori

Essas atividades, apesar das mudanças ocorridas, estão muito presentes no dia a dia dos Kaingang. Então, a ressignificação dos espaços também mostra que existe um fortalecimento no modo de ser Kaingang e que de uma forma ou outra, está sendo repassado às novas gerações. Isso também fica evidente nas atitudes das famílias Kaingang mais tradicionais ou mais velhas, onde as pessoas são recebidas desta forma, com muita fartura de comidas.

Como já apontei anteriormente, as crianças aprendem no cotidiano da comunidade. Entre as crianças Kaingang sempre foi e ainda é muito normal acordarem cedo, logo de manhã, para acompanhar as atividades dos mais velhos. Observando atentamente uma família que tinha por atividade o roçado ou a agricultura, via todas as manhãs, quando o homem (avô) saía para ir para seu trabalho, seu neto saindo junto. Uma criança, que devia ter em torno de quatro anos de idade, e que somente retornava perto do meio dia, junto com o avô. No início do ano letivo de 2014 o pai da criança resolveu colocá-la na escola e o que sucedeu foi muito interessante: a criança frequentou a escola por uma semana e desistiu. Seus pais insistiram, acreditando que seu filho deveria ir à escola. Porém, seus avós falaram: “deixa ele, ele precisa aprender a viver, ele não sabe o que vai fazer na escola, e aqui ele sabe muito bem o que está aprendendo”.

Diante dessa situação, conversando com a criança, perguntei: o que você aprende com seu avô? A resposta foi muito simples, “estou aprendendo a ser um homem, aí o vô me passa bastante remédio, quando estamos sozinhos”. Diante disso, compreendemos que o *kofá* está preparando essa criança dentro de suas tradições e que para ele a escola não será capaz de realizar este trabalho de ensinamentos conforme seus conhecimentos.

Além disso, antes de ir à escola, essa criança deveria saber muitas coisas que não vão ser repassadas durante sua vida escolar. Com isso percebemos também o medo que os velhos têm de perder o espaço de seus ensinamentos dentro da cultura Kaingang para escola.

Outra constatação é que as crianças estão presentes em todas as atividades da comunidade, mesmo parecendo que existe certa divisão entre crianças e adultos; todos são capazes de realizar as tarefas a elas apresentadas. As crianças são as que servem os mais velhos, ou são os ajudantes imediatos, não há muitas restrições. Outra coisa importante a destacar é que dificilmente se vê os pais gritarem com uma criança, uma vez que o diálogo está sempre presente e, se a criança não estiver disposta a realizar uma atividade, ela não é obrigada, pois a mãe ou o pai cumprem a tarefa. Os Kaingang fazem aquilo que é de sua vontade, poucas vezes fazem o que não é de seu interesse. Isso faz parte do seu modo de estar, principalmente as crianças.

Essa atitude Kaingang serve para tudo, inclusive quando morre alguém, os parentes do morto ordenam: vá embora, vá em paz, pois não quer mais fazer parte desse mundo e então vá embora e não perturbe mais os que estão vivos⁸. Isso presenciei em 2001, quando num velório as crianças (filhas e filhos) falavam para sua mãe que tinha falecido, “não nos incomode, você escolheu morrer”. Talvez pareça estranho, mas são atitudes que as crianças aprenderam durante outros momentos de seus aprendizados com fatos já acontecidos. Então, quando vivenciam a perda de alguém de sua família, reproduzem a atitude dos mais velhos que observaram em outros momentos.

Logo após esse ritual de morte (velório), normalmente as crianças passam por um banho de remédios para a purificação, para que não sofram ameaças dos espíritos. Muitas vezes as próprias crianças, ao irem para o rio se banhar, já colhem os remédios - plantas. Mas para isso, elas precisam acordar muito cedo⁹. Os velhos lhes ensinam que devem acordar antes dos passarinhos para se banhar, isso significa que às quatro horas da manhã devem estar no rio.

Retornando à fala da criança que estava aprendendo a ser homem, é importante dizer que para isso é preciso fazer uma série de dietas alimentares, em que lhes é proibido

8 A morte para os kaingang é um ato voluntário, depende de sua vontade de morrer ou não, durante um velório é normal o falecido (a) receber palavras de ordem do tipo: “vai embora, você fez a escolha de nos abandonar então, nos deixe viver em paz”. O morto é chorado pelos seus, que o acusam de tê-los abandonado e ido para a aldeia dos mortos. Reclamam que se, de fato, ele amasse seus filhos, pais, e amigos jamais iria embora. Apontam sua ingratidão lembrando os agrados que lhes fizeram, mas mesmo assim, ele os quis deixar.

9 Segundo a cultura kaingang, confirmada pelos *kofá*, as pessoas devem acordar antes do(a) viúvo(a), pois se não fizer isso, pode ficar doente, sentir cansaço, ficar com o corpo doído, ficar com sensação de preguiça e que tudo isso pode levar a morte.

de comer, como por exemplo, partes da galinha, porcos, boi e em especial as carnes de caça. Talvez possa parecer uma besteira/bobagem, mas os Kaingang acreditam muito nisso. Dizem os *kofá* que, se a gente respeitar as proibições ou os tabus alimentares, podemos ficar muito velhos como eles, não branquear os cabelos, ficar sempre jovens. Se as meninas cumprirem essas proibições, não vão criar rugas no rosto, ficam sempre lindas. Como dizia minha bisavó, não vai sentir cansada e vai estar sempre disposta e bonita.

Ainda vale lembrar que, para os Kaingang, as regras para a alimentação são importantes para fazer uso de sua medicina tradicional, para que se cumpra uma dieta rigorosa: não basta passar o remédio no cabelo para não branquear se não tomar banho no rio antes do amanhecer. Então, muitas vezes, o não indígena quer fazer uso desses remédios, mas não terão êxito, pois vão tomar seu banho em chuveiro de água quente e vão comer qualquer coisa, ou melhor, os alimentos proibidos. Como sabemos todo remédio tem contraindicação.

Além do que foi dito anteriormente, os Kaingang também têm uma série de brincadeiras. Entre elas estão as flautas, arco e flechas, assim como a colheita do material para artesanato e seus utensílios, têm uma relação muito íntima com a natureza, pois o cuidado no corte do material para sua confecção está de acordo com o respeito aos ciclos da planta. Do mesmo modo que a coleta de materiais para a confecção de artesanato, a coleta de materiais para a confecção de determinados brinquedos também precisa respeitar o tempo das plantas. Assim, pode-se imaginar que os arranjos acabam por estabelecer uma repetição cíclica das brincadeiras, pois flautas, arco e flechas só poderão ser confeccionadas num período do ano ou numa determinada época de vida dessa planta, que tem um valor importante para os Kaingang. Então, as crianças repetem isso, o que para o olhar do outro parece ser sempre igual, a mesma coisa.

Trago aqui uma brincadeira ou um brinquedo, que é a peteca: parece ser uma coisa muito simples, mas para os Kaingang representa uma atividade corporal de fortalecimento físico e de treinar suas habilidades, destrezas. É uma brincadeira que sempre foi muito praticada entre os adultos e as crianças e é um exemplo de que as atividades não são separadas entre as crianças e os adultos, pois estes também fazem a brincadeira. Dizem os mais velhos que a peteca pesava aproximadamente meio quilo e durante o fim de semana se reuniam para jogar a peteca e passavam horas batendo, tanto que as mãos chegavam a ficar inchadas.

Como podemos perceber, as brincadeiras têm todo um ritual para serem transmitidas e isso constitui parte importante no aprendizado das crianças. Quanto a essa relação íntima com a natureza, as crianças desde seu nascimento vivenciam rituais

que são passados por seus avós e os mais velhos da comunidade. Elas são preparadas para viver sua vida de forma autônoma, isso faz com que elas tenham muita liberdade de criação de seus brinquedos e de suas brincadeiras, e isso não acontece de forma aleatória, mas de forma planejada e às crianças basta experimentar e viver.



Gir – Fotos: Noeli Falcade

Podemos ainda perceber que a liberdade das crianças decorre das atividades que aconteceram com as pessoas mais velhas de sua família ou ainda das pessoas da comunidade onde vivem. Observando as fotos acima podemos imaginar que essas crianças já passaram por um período de uso de remédios e, portanto, esse momento é uma fase de experimentação. Essa experimentação é feita de maneira independente e autônoma, sem o auxílio dos *kofá* ou de pessoas mais velhas. Entre essas crianças o medo não existe e sim a confiança nos ensinamentos recebidos.

É importante ressaltar que as crianças realizam tais brincadeiras não como uma atividade infantil, mas sim como uma atividade que representa o dia a dia dos adultos e que são vivenciadas por todos. Diante disso, podemos dizer que as crianças Kaingang estão dispostas a realizar atividades prestativas na manutenção dos costumes que são repassados de geração a geração.

Como podemos ver, as crianças aprendem nos mais diversos espaços e tempos, além do espaço e tempo escolar. Como bem sabemos, a escola é muito recente entre os Kaingang. Talvez isso me permita contar sobre uma experiência que fiz em aula no Instituto Estadual de Educação Indígena Ângelo Manhká Miguel, na Terra Indígena Inhacorá. Fiz uma aula expositiva sobre as tradições Kaingang, uma exposição de pelo menos três horas, que os alunos acompanharam atentamente. Logo após dei como atividade para um grupo que

escrevessem uma meia página em seus cadernos e outro grupo para fazer uma exposição oral sobre o assunto tratado. O grupo que tinha como tarefa escrever não conseguiu cumprir a atividade de escrita, enquanto que o outro grupo fez a exposição oral, que gravei e depois transcrevi. A transcrição superou quatro páginas. O objetivo era observar se as crianças aprendem mais ouvindo ou copiando do quadro negro, uma prática muito comum entre os professores nas escolas. Mas, além disso, e mais importante, pretendia entender a eficácia dos ensinamentos dos velhos. Como já mencionei anteriormente, os velhos passam seus ensinamentos através da oralidade e de preferência no silêncio da noite e na magia das matas.

Assim, posso dizer que a educação kaingang, a Pedagogia possui entre seus principais aspectos e muito importante, a socialização, ato de aprender com os outros em qualquer tempo e espaço, motivado pela reciprocidade, característica importante no convívio Kaingang. A pessoa está na relação com a outra, face a face, assim, as crianças não vivem somente no meio dos adultos, aprendem umas com as outras, com os grupos de sua idade e de outras, com os quais compartilham conhecimentos dentro e fora da comunidade onde vivem. E mais do que isso, sabem em detalhes os acontecimentos da comunidade, são muito discretas, mas possuem olhos atentos que acompanham tudo o que acontece e tudo sabem. As crianças aprendem vendo, ouvindo, experimentando e executando as tarefas. Quero destacar também que as crianças têm espontaneidade e mostram prazer de executar as atividades, fazendo isso em forma de brincadeira. Portanto, entre os Kaingang e tanto outros povos indígenas, o trabalho e lazer não se separam, andam juntos.

Discorrendo sobre o processo de socialização, cabe lembrar que a criança indígena aprende seguindo modelos que estão postos em seu meio ou ainda os considerados exemplares. Assim, a educação indígena está pautada na socialização, onde todo momento é tempo de aprender, respaldado nas atividades desenvolvidas pelas pessoas em seus diversos espaços de convivências. Mas ainda é importante dizer que em nenhum dos momentos ou movimentos os velhos estão excluídos. Talvez hoje os velhos tenham perdido parte de seus tempos de ensinamento para o tempo e espaço da escola.

As crianças e a escola

Como sabemos, os povos indígenas possuem seus modos próprios de construção de conhecimentos e que vem se sustentando graças as estratégias ou a ações pedagógicas próprias de cada povo.

Nos últimos anos, os Kaingang têm se organizado na busca por uma escola voltada

para sua especificidade e uma escola diferenciada, como está previsto na legislação, numa tentativa de rever o processo de ocidentalização e as mudanças que a cultura tem sofrido. O que o povo Kaingang almeja é que a escola possa instrumentalizar as lutas do povo indígena, mais especificamente a suas lutas. Dessa forma, há uma mobilização em busca de políticas públicas para uma educação escolar que permita a transmissão dos conhecimentos tradicionais e sua sobrevivência como conhecimento de povo etnicamente, cultural e linguisticamente diferente, pois, o contato com as sociedades não-indígenas representou para os Kaingang a diminuição do uso de sua língua e de suas práticas tradicionais.

Apesar das mudanças que a escola pode demandar entre os Kaingang, hoje ela faz parte da configuração de todas as comunidades. Isso pode ter alterado o espaço e o tempo das crianças, pois como mencionei anteriormente, elas, além de fazerem parte dos demais espaços já descritos, também necessitam ir à escola, onde muitas vezes os seus conhecimentos são desconsiderados em troca de construções baseadas na escrita, ou seja, escrita versus oralidade. Isso é uma mudança muito significativa na vida das crianças.

Essas crianças/alunos se dirigem todos os dias à escola, um prédio, um espaço do Estado entre os espaços kaingang. É um prédio de alvenaria, muito diferente dos demais espaços que estão acostumados a vivenciar. Lugar esse que possui uma cerca: o que isso significa? Ainda não sei.

Nelas professores indígenas trabalham com os anos iniciais e as disciplinas de Artesanato, Valores Culturais e Kaingang. Estes componentes curriculares são ministrados por professores Kaingang e ainda fazem a alfabetização na língua materna, até o terceiro ano. A partir daí inicia-se o ensino em português, antes oral e depois escrito. Existem ainda professores não-indígenas que trabalham com os anos finais, quando é usada de maneira mais intensa a língua portuguesa.

As crianças, aparentemente, sentem-se muito à vontade na escola, especialmente no turno onde a maioria são professores indígenas. Com menor intensidade nos demais turnos, e acredito que isso ocorra devido a maioria dos professores serem não-indígenas, o que permite uma familiaridade e uma aproximação menor.

Mas, além disso, os professores não-indígenas vêm cada vez mais se dedicando a conhecer melhor as crianças, procurando compreender os modos de construção de conhecimentos das crianças Kaingang. Assim, procuram desenvolver atividades diferentes. Uma atividade importante que presenciei na escola foi a realização de trabalhos com projetos, onde os professores se organizaram em grupos de pesquisa por áreas de conhecimento, desenvolvendo várias atividades de pesquisa na comunidade indígena. Um

dos objetivos desse trabalho era conhecer melhor o lugar onde estão trabalhando. Esses grupos pesquisaram a história, a medicina/plantas, o meio ambiente e assim por diante. Isso aproximou muito a escola e a comunidade. Tais atividades também são resultados de conversas com os pais e as mães em reuniões.

Essas reuniões são chamadas de “reunião de planejamento”, onde todos os professores, os pais e as mães se posicionam em relação ao conteúdo que vai ser trabalhado durante o ano letivo¹⁰. Após ter ouvido a comunidade, os professores e a direção se reúnem para definir a melhor forma de atender a demanda proposta à escola. Feito isso, os professores e alunos visitam os moradores para ouvir suas histórias, seus cantos, suas explicações a respeito dos costumes Kaingang, suas crenças, enfim, é a busca de compreensão da cultura Kaingang.

Assim, tenho percebido que as crianças têm ficado muito à vontade na escola. Nas aulas é muito comum ouvir a voz do professor, pois as crianças ficam muito atentas e o silêncio só é quebrado quando é hora da merenda e conseqüentemente o intervalo: uns vão jogar bola, outros vão balançar e ainda outros sobem em árvores.

Para quem vê de fora, as brincadeiras parecem ser muito desorganizadas, mas as crianças criam suas próprias regras que já aprenderam durante sua convivência na comunidade. Isso é muito importante, pois como os professores indígenas moram na própria comunidade, me parece que existe na escola uma sequência dos conhecimentos produzidos nos espaços de convivências que estão disponíveis na comunidade, como por exemplo, nas suas próprias casas, na convivência com pessoas mais velhas e nas atividades de ir ao mato para buscar material para a confecção dos seus artesanatos e utensílios.

Acredito que, embora a escola funcione de acordo com os horários que estamos acostumados a ver em outras escolas, existe uma relação entre os espaços kaingang e a escola. Isso apesar da escola, em termos de funcionamento, se assemelhar muito a uma escola não-indígena.

Mesmo havendo essa organização semelhante à escola não indígena, podemos ver que não é empecilho para que os professores e os alunos desenvolvam seus conhecimentos construídos ao longo de suas vidas. Percebe-se que existe um esforço entre os professores a fim de produzir conhecimentos a partir da diversidade Kaingang, pois quando ouvem a comunidade existe uma tentativa de trazer suas preocupações para ser discutidas no espaço escolar.

10 Observação que realizei em uma escola na Terra Indígena de Guarita, município de Redentora - RS, no ano de 2012. Onde estavam reunidos professores, pais e mães para debater assuntos referente ao andamento da escola.

A escola está organizada a partir de um currículo comum às demais escolas não-indígenas, com o acréscimo das disciplinas já mencionadas que são de responsabilidade de professores kaingang. Na escola temos as disciplinas de história, português, ciências, geografia, matemáticas, assim como qualquer outra escola.

Penso que os professores têm buscado a melhor maneira de trabalhar com essas disciplinas, baseando-se muito na vivência da comunidade, assim, procurando criar um diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os chamados científicos. Isso não é uma tarefa muito fácil, mas é possível. A escola muitas vezes tem trabalhado com projetos e isso facilita uma maior aproximação dos professores dos conhecimentos Kaingang.

Para, além disso, penso que a interdisciplinaridade e contextualização na articulação entre os diferentes campos do conhecimento, por meio do diálogo transversal entre as disciplinas, do estudo e pesquisa de temas da realidade das crianças e de sua comunidade, têm ou pode proporcionar adequações metodológicas, didáticas e pedagógicas às características dos diferentes sujeitos das aprendizagens, em especial, aos modos próprios de transmissão dos saberes tradicionais numa relação horizontal com os conhecimentos ocidentais.

Diante de tudo isso, é preciso ter cuidado, pois a escola é um espaço de apropriação de transmissão de valores e símbolos que poderão fazer parte da vida das comunidades indígenas nos dias presentes. Então, a escola é um lugar de encontro entre diferentes, é espaço de relações entre os diferentes grupos sociais, que gera uma grande tensão no momento que são reconhecidas as diferenças. Temos que considerar que a escola é o lugar onde as diferenças emergem, mas igualmente onde a especificidade desaparece. É o momento em que se precisa ter o cuidado para que a escola não se torne apenas um instrumento de inclusão para a homogeneização.

Considerações finais

Diante disso, evidenciar a educação/aprendizagens indígena é muito importante, trazendo as suas formas de ensinar as crianças e seus processos próprios de construção de conhecimentos. Porém, é importante saber que desde o início da colonização, a educação indígena passou por muitas transformações, fazendo frente à alfabetização, educação escolar, que também desempenhou um papel importante nas relações entre indígenas e colonizadores. Segundo, Mariana K.L. Ferreira (2001), o primeiro e mais longo momento da história da educação escolar para índios no Brasil é o período colonial, em que o objetivo das práticas educativas era negar a diversidade dos índios, ou aniquilar culturas

e incorporar mão-de-obra indígena à sociedade nacional.

Isso são processos que perduram por muito tempo e que aos poucos vão se transformando. Mas não podemos esquecer que vivemos em um cenário marcado com suas contradições que é uma realidade entre nós. Assim sendo, estas realidades comprometem e dificultam os projetos desejados de autonomia dos povos indígenas. Porém, podemos perceber que, aos poucos, políticas públicas em relação aos indígenas, em especial na área da educação, vêm sendo gradativamente implementadas. Isso vem se dando graças ao crescente movimento indígena, atuando no sentido de garantir a educação escolar como um avanço em favor das lutas próprias, rumo à afirmação da identidade étnico-cultural de cada povo, na construção de seus projetos.

Falar dos processos próprios de construção de conhecimento dos Kaingang, em especial o comportamento das crianças no dia-a-dia, e falar de uma pedagogia própria dos Kaingang tem garantido a transmissão de suas sabedorias através de gerações, um caminho de formação baseado na visão de conjunto da cultura indígena, que garantiu e garante até hoje a permanência como indígena, mesmo considerando os inúmeros problemas, enfrentado como povo diferenciado.

E os locais de transmissão dos conhecimentos Kaingang estão aos poucos sendo reconhecidos pela escola e pelos professores, pois há um reconhecimento que a escola não é o único espaço de construção/transmissão de conhecimento e sim, mais um entre os Kaingang. Se há tempos atrás isso era atribuído somente à escola, com o passar do tempo os Kaingang vão se dando conta que são portadores de muitas sabedorias que estão em locais como a mata, o rio, a casa, o fogo, nos rituais de morte e tantos outros presentes nas tarefas diárias. Assim, aos poucos, vão definindo melhor a função da escola na Terra Indígena, entre elas a de reforçar suas identidades mantendo o uso da língua indígena.

Referências

FERREIRA, Bruno. 2012. *Políticas públicas para uma educação escolar indígena diferenciada*. São Leopoldo: Oikos (Cadernos do COMIN, N° 10).

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. 2001. "A educação escolar indígena: um diagnóstico crítico da situação no Brasil". In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. *Antropologia, história e educação: A questão indígena e a escola*. São Paulo: Global.

NUNES, Ângela. 2002. "No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwê-Xavante". In: SILVA, Aracy L.; MACEDO, Ana Vera L. da S.; NUNES, Ângela (orgs). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: FAPESP; Global; MARI, 2002.

100 | **As crianças Kaingang: educação escolar e os processos próprios de aprendizagem**

ROSA, Rogério R. G. da. 2005. *Os Kujà são diferentes: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Terra Indígena Votouro*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.

SANTOS, Silvio C. 1975. *Educação e Sociedades Tribais*. Porto Alegre: Movimento.

Recebido em 01 de junho de 2017.

Aceito em 02 de outubro de 2018.